

ELINOR OSTROM E A TEORIA DO CAPITAL SOCIAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Maria Lúcia Corrêa Neves¹, Gabriela Almeida Marcon², Francisco Antônio Fialho³

Abstract. *This paper aims to answer important points raised at the beginning of the century by Elinor Ostrom on the interest and future use of the Social Capital Theory (SC). The research consisted of a literature review on Scopus, a comprehensive scientific database. It was identified that the interest for the theory grew systematically from the year 2000 and that its use was spread by several scientific areas. The research additionally offers a synthesis of 18 SC publications, from distinct areas, categorized by continent. Considered that: (1) the multidisciplinary view is fundamental to the understanding of SC theory and its applications; (2) the perverse social capital's ability to destroy capital raises the importance of interferences that promote the SC that innovates and creates economic value in a sustainable way.*

Keywords: *social capital; knowledge management; sustainability.*

Resumo. *Esta pesquisa buscou responder questões formuladas, no início do século, por Elinor Ostrom, sobre o interesse e uso futuro da teoria do Capital social (CS). Para tanto, foi realizada revisão da literatura direcionada para a base científica Scopus. Foi identificado que o interesse pela teoria cresceu, sistematicamente, a partir do ano de 2000 e que seu uso foi disseminado por diversas áreas científicas. A pesquisa, adicionalmente, oferece síntese de 18 publicações sobre CS, de áreas distintas, categorizadas por continente. Por fim, considera-se que: (1) é fundamental para o entendimento da teoria CS e suas aplicações, a visão multidisciplinar; e (2) a capacidade do CS perverso destruir capitais, eleva a importância de interferências que promovam o CS que inova e cria valor econômico de forma sustentável.*

Palavras-Chave: *capital social; gestão do conhecimento; sustentabilidade.*

¹Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento-Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Florianópolis – SC– Brasil. E-mail: lucia.c.neves@uol.com.br

²Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Florianópolis – SC– Brasil. E-mail: gabriela@almeidamarcon.com

³Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Florianópolis – SC– Brasil. E-mail: fapfialho@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Elinor Ostrom (2000), no início do século XXI, publicou um artigo, cujo título apresentou o seguinte questionamento: “Capital social: uma moda passageira ou um conceito fundamental? ”. A autora integra o grupo de pesquisadores que considera a introdução das teorias de Capital social nas pesquisas acadêmicas, uma mudança “refrescante e necessária” (p. 173).

No estudo, Ostrom, que em 2006 recebeu o Prêmio Nobel - Prêmio de Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel, relata casos de políticas e estratégias de desenvolvimento econômico, direcionadas para regiões menos favorecidas, baseados em construção de infraestrutura físicas, que não atingiram o objetivo de criar valor econômico para o coletivo, servindo, muitas vezes, apenas, para deixar “indivíduos e funcionários do governo ricos” (Ostrom, 2000, p. 172).

Na publicação, Ostrom (2000) alerta que a ausência de Capital social (CS), definido como um padrão de interação que habilita o trabalho coletivo, transforma em desperdício, investimento e recursos naturais. A autora considera imprescindível, o estabelecimento da teoria de CS como conceito fundamental para a compreensão de como os indivíduos alcançam uma coordenação e superam com ações coletivas, os problemas experimentados.

Preocupada com o futuro do conhecimento sobre o construto, Ostrom (2000), no estudo, alertou para a possibilidade da teoria ser confundida com modismo, em função da existência de pesquisas atribuindo ao CS, “impacto exagerado” e de análises realizadas com comoção (p. 173).

O estudo de Ostrom (2000) completou 17 anos e o distanciamento histórico permite refletir sobre as questões instigadas pela autora: Capital social foi esquecido, caracterizando uma moda passageira e se juntando à outras “panaceias”? Ou as teorias de CS se tornaram base fundamental para a compreensão das relações que viabilizam ações coletivas? (p. 175).

Com objetivo de responder estas questões, realizou-se uma revisão da literatura científica abordando o construto CS. Os resultados condensados desta investigação estão apresentados neste artigo que, além desta introdução, conta com as seguintes seções: Capital social criando valor para indivíduos, grupos, organizações ou nações; Metodologia; Resultado e síntese da revisão bibliográfica; Análise e Discussão; e Considerações finais.

2. CAPITAL SOCIAL CRIANDO VALOR PARA INDIVÍDUOS, GRUPOS, ORGANIZAÇÕES OU NAÇÕES

Portes (1989), tal como Ostrom (2000), no final do século passado, refletiu sobre a popularidade do construto CS. O autor afirmou que para ele e outros sociólogos, o termo não se caracterizava como uma ideia nova e, apenas, recuperava o *insight*, presente desde os primórdios da disciplina sociologia no século XIX, que sinaliza que o envolvimento e a participação em grupos podem ter consequências positivas para o indivíduo e a comunidade.

O conceito de CS derivado dos clássicos da sociologia, foi disseminado no final do século XX, como resultado dos trabalhos de Bourdieu e Putnam, autores de dois modelos teóricos que sustentam o conceito (Sen & Cowley, 2012).

Bourdieu (1986) aborda o CS como um atributo de um indivíduo e enfatiza o papel desempenhado por este. Para Yee (2015), a visão de Bourdieu sobre CS contribui para explicar porque alguns indivíduos se mantem no topo das hierarquias sociais.

Já a abordagem de Putnam (1993), trata CS como um ativo coletivo, pertencendo mais aos grupos e nações do que aos indivíduos. Na visão do autor, CS refere-se a três traços da vida social (redes, normas e confiança), que se desenvolvem dentro de um grupo, facilitando as ações e a cooperação para perseguir objetivos comuns aos membros que pertencem a esse grupo (Sen & Cowley, 2012).

McElroy (2002), pesquisador de Gestão do conhecimento organizacional, considera CS como um dos tipos de capital intelectual ou de capital intangível. Para o autor, o CS, junto com o capital humano e estrutural, explica a criação de valor nas organizações, e, especialmente, a inovação como um processo social de criação de conhecimento.

Já Ostrom (2000), preocupada com o uso dos ecossistemas e bens comuns (*Commons*), aborda CS como um complemento essencial para os conceitos de capital natural, físico e humano. Os quatro tipos de capital, na visão da autora, são essenciais para o desenvolvimento e criação de valor econômico, mas, no entanto, isoladamente por serem complementares, nenhuma forma de capital é suficiente por si só.

Ostrom (2000) registra que o avanço de CS depende do entendimento das vantagens, mas, também, das desvantagens dos capitais. Os conceitos, vantagens e desvantagens dos três capitais derivados da ação humana e, portanto, não naturais, estão apresentados no quadro 1.

Quadro 1 – Conceitos e comparação entre Capitais físico, social e humano.

Capital físico	Capital social	Capital humano
----------------	----------------	----------------

O capital físico é o estoque de recursos materiais feitos pelo homem, que pode ser usado para produzir um fluxo de renda futura.	O CS é o conhecimento compartilhado, entendimentos, normas, regras e expectativas sobre padrões de interações que grupos de indivíduos trazem para uma atividade recorrente.	O capital humano (CH) é o conhecimento adquirido e as habilidades que um indivíduo traz para uma atividade. A educação universitária é um tipo de CH e as habilidades de um marceneiro outro.
O capital físico pode ter um lado escuro e gerar mais danos do que benefícios. Por exemplo, investir na aquisição de armas, aumenta a quantidade de capital físico existente em um determinado ponto no tempo, mas o produto desta forma de capital físico é uma ameaça de destruição humana e de outros capitais.	Gangues e a máfia usam CS como base para suas estruturas organizacionais. Cartéis, também, desenvolvem o CS para manter o controle sobre uma indústria, colhendo, assim, mais lucros do que o justo. Governos autoritários, baseado na utilização de instrumentos de força, destroem outras formas de CS, enquanto constroem o seu próprio.	CH pode ser usado para propósitos destrutivos, bem como produtivo. Um indivíduo, com conhecimento, pode desenvolver <i>softwares</i> que ajudam na solução de problemas, ou para funcionar como um vírus, que invade e destrói registros de outros, caracterizando o uso de CH com propósitos destrutivos.

Fonte: elaborado pelos autores baseado em Ostrom (2000)

3. METODOLOGIA

Para responder as questões propostas por Ostrom (2000), apresentadas na seção de introdução, esta investigação, de base qualitativa, utilizou o método de revisão sistemática, definido como uma revisão planejada para responder questões de pesquisas específicas (Castro, 2006). Na revisão sistemática adotam-se métodos explícitos e sistemáticos, tanto para os processos de identificação, seleção e avaliação dos estudos a serem revisados, como, também, para a coleta e análise do conteúdo dos estudos escolhidos para a revisão (Botelho, Cunha & Macedo, 2011).

A revisão da literatura foi direcionada para a base de dados eletrônica internacional *Scopus*, escolhida por permitir uma visão multidisciplinar e integrada de fontes relevantes para a pesquisa em questão. Utilizou-se a ferramenta de busca inteligente fornecida pelo portal eletrônico, bem como os recursos de indexação e análises estatísticas.

Na primeira etapa da revisão, foram identificadas publicações abordando o construto CS. Pesquisou-se, na base escolhida, documentos científicos contendo a palavra-chave CS em inglês, nos campos “títulos”, “resumos” ou “palavras-chave”. A busca na base de dados *Scopus* foi realizada em maio de 2017 e identificou um conjunto de 18.523 publicações. Alguns dados destas publicações foram capturados, analisados e categorizados pelos seguintes indexadores: (a) por ano de publicação, para observar o comportamento do interesse dos pesquisadores ao longo do tempo, limitado ao período de 1966 à 2016 (50 anos); (b) por área científica, para observar a penetração do conceito entre as diversas áreas do conhecimento; (c) por país de origem dos pesquisadores, reagrupados por continente, em uma tentativa de relacionar os problemas e as temáticas que motivam os teóricos de CS com o contexto econômico e social da

região investigada. Entendeu-se oportuno, no caso específico do continente americano, analisar separadamente, publicações da América Latina e da América anglo saxônica, em função das discrepâncias sociais e econômicas do continente e, também, do interesse dos pesquisadores, no conhecimento científico produzido na América latina.

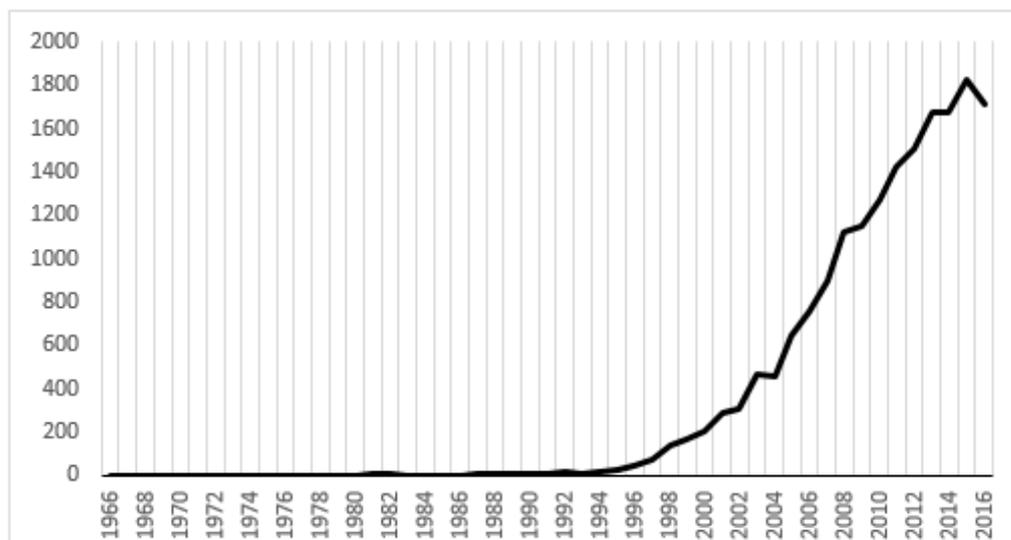
A segunda etapa da investigação constou da identificação, por continente, das três publicações com maior número de citações para leitura integral e análise. Registra-se que, no processo de escolha, ao ser identificada publicação em coautoria e envolvendo pesquisadores de mais de um continente, foi adotado o continente do primeiro autor listado. O resultado desta etapa, foi um conjunto de 18 publicações. As publicações sobre CS por continente, assim como as sínteses são apresentados na próxima seção.

4. RESULTADO E SÍNTESE DA REVISÃO SISTEMÁTICA

4.1 ACHADOS GERAIS

O gráfico 1 apresenta a quantidade de publicações que abordam CS, na base escolhida, nos últimos cinquenta anos (1966 até 2016).

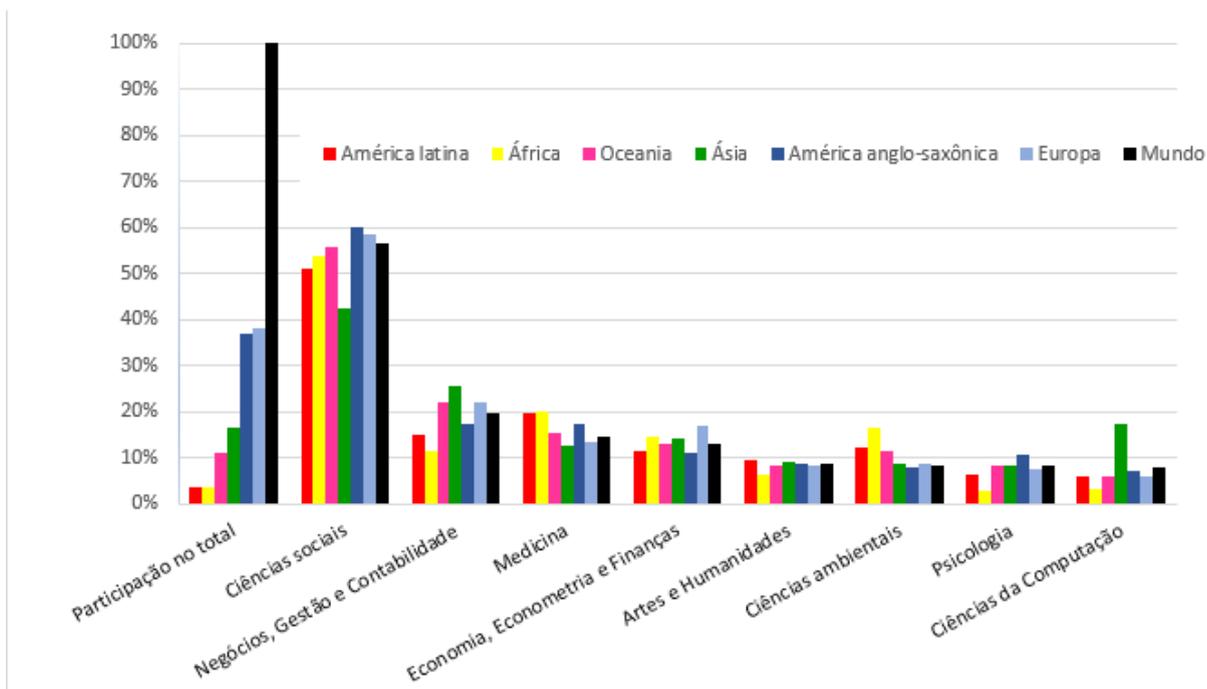
Gráfico 1 – Quantidade de pesquisas contendo o construto Capital Social de 1966 até 2016



Fonte: elaborado pelos autores com dados obtidos na base de dados Scopus em abril/2017

O gráfico 2 e a tabela 1, apresentam a quantidade de pesquisas contendo o construto CS, por continente assim como a área científica da pesquisa.

Gráfico 2 – Participação das pesquisas de CS no mundo e por continente, categorizado por área científica



Fonte: Base de dados eletrônica Scopus, consultada em maio/2017. Elaborado pelos autores

Tabela 1: Participação das pesquisas de CS no mundo e por continente, categorizado por área científica

Região	Participação nas pesquisas	Ciências sociais	Negócios, Gestão e Contabilidade	Medicina	Economia, Econometria e Finanças	Artes e Humanidades	Ciências ambientais	Psicologia	Ciências da Computação
Geral	100%	56,4%	19,6%	14,6%	13,2%	8,60%	8,4%	8,40%	8,0%
América latina	3,4%	51,0%	14,8%	19,8%	11,3%	9,40%	12,4%	6,50%	6,1%
África	3,6%	53,8%	11,4%	20,1%	14,5%	6,40%	16,4%	2,90%	3,0%
Oceania	11,2%	55,8%	22,2%	15,2%	13,0%	8,10%	11,4%	8,10%	5,8%
Ásia	16,6%	42,4%	25,4%	12,5%	14,1%	9,00%	8,7%	8,40%	17,4%
América anglo-saxônica	37,0%	60,0%	17,4%	17,3%	11,1%	8,80%	7,9%	10,50%	7,3%
Europa	38,3%	58,4%	22,1%	13,3%	17,0%	8,40%	8,8%	7,70%	5,8%

Fonte: Base de dados eletrônica Scopus, consultada em maio/2017. Elaborado pelos autores

4.2 ACHADOS E SÍNTESE POR CONTINENTE

As 18 publicações identificadas para leitura integral, estão sintetizadas nas subseções seguintes, organizadas por continente/região. A primeira região a ser apresentada é a América Latina, que participa com o menor percentual de pesquisas abordando CS conforme mostra a coluna 1 do quadro 1.

O último continente a ser apresentado é o continente Europeu – região que tem a maior participação em pesquisas de CS na base investigada. As seções, portanto, estão em ordem

crescente de participação em conhecimento sobre CS. Serão sintetizadas três publicações de cada região, escolhidas por serem identificadas como as publicações mais citadas. O conjunto é uma amostra pequena, mas representativa do conhecimento que, ao longo dos anos, vem influenciando os pesquisadores de CS.

4.2.1 América Latina

A publicação da área científica Ciências sociais do autor Alejandro Portes (1998), se destaca como o segundo estudo mais citado (4347 citações) no *ranking* geral das 18.523 mil publicações. Na seção que fundamentou teoricamente o construto CS, o autor foi mencionado. Portes (1998), no estudo, destaca que a popularidade e uso do construto CS para tratamento de diferentes problemas sociais e processos, parcialmente, justifica-se pelo fato da teoria atrair atenção para fenômenos reais e importantes. O autor aposta no potencial de contribuição do construto, desde que pesquisadores abordem o tema com a imparcialidade que permite analisar as diferentes fontes e efeitos de CS, mas, também, suas desvantagens, além de vantagens, na mesma direção sinalizada por Ostrom (2000).

Maurício Rubio (1997), com a publicação da área Negócios, Gestão e Contabilidade, e da área Economia, Econometria e Finanças, a partir de evidências obtidas com a observação de uma região da Colômbia, trata do conceito CS perverso. O autor questiona as publicações que sinalizam, como principal obstáculo ao crescimento dos países da América latina, o baixo investimento em capital humano, criticando, também, a associação do aumento de problemas, por exemplo delinquência juvenil, às deficiências no capital humano ou, mesmo de CS. Para o autor, em muitas situações, o que atrapalha uma sociedade não é a ausência de CS, mas a presença do CS do tipo “perverso”, utilizado para o comportamento criminoso, incluindo a corrupção. O CS perverso, além de sinalizar para os jovens que o capital financeiro é assegurado mais facilmente, com o envolvimento em negócios ilícitos, prejudica as atividades produtivas e a inovação tecnológica. Mesmo se destacando como a 2º publicação mais citada de origem Latino americano, a quantidade de citações da publicação é, apenas, 95.

José Molinas (1998), com uma publicação das áreas de Economia, Econometria e Finanças e Ciências Sociais, citada 70 vezes, defende que a sociedade civil organizada pode se tornar um potente agente de desenvolvimento. O autor considera que há muitos problemas econômicos, por exemplo o acesso ao crédito pelos pobres, que tanto o mercado, como o estado não podem resolver, demandando a intervenção bem-sucedida da sociedade civil. Nesta direção, o artigo apresenta uma análise econométrica dos determinantes da cooperação eficaz com base

nos dados obtidos em cooperativas paraguaias. O autor aborda a relação entre CS, desigualdade, gênero, assistência externa e, destes quatro fatores, na cooperação local.

4.2.2 Continente Africano

Os autores Temesgen Deressa, Rashid Hassan, Claudia Ringler, Tekie Alemu e Mahmud Yesuf (2009), com um estudo das áreas Ciências ambientais e Ciências sociais, citado 229 vezes, identificam os principais métodos utilizados pelos agricultores para se adaptar às mudanças climáticas na Bacia do Nilo da Etiópia, apresentando CS como um dos seis fatores que influenciam o desempenho dos agricultores, ao facilitar, por exemplo, as transferências financeiras que podem amenizar as restrições de crédito do agricultor (empréstimo familiar) ou a cooperação que supera os dilemas de ação coletiva. O estudo conclui que CS influencia positivamente a adaptação à mudança.

O autor Alan Amory (2007), em um estudo das Ciências sociais citado 112 vezes, desenvolve e apresenta um quadro teórico para criação e avaliação de jogos educativos para computador, destacando a importância do processo de avaliação contemplar a contribuição do jogo na disseminação do construto CS. Para o autor, CS é um valor coletivo fundamental na construção e manutenção do funcionamento da democracia.

A publicação de Leah Gilbert e Liz Walker (2002), das áreas de Artes e Humanidades e Ciências sociais, citada 106 vezes, aborda CS no cenário de agravamento da epidemia de HIV/AIDS, destacando que o percentual de mulheres HIV-positivas é maior do que o do grupamento de homens, e o início da infecção ocorre em faixa etária muito mais jovem. Para compreender a posição das mulheres na epidemia, os autores examinam a relação histórica entre desigualdades sociais, saúde em geral e os conceitos de CS e vulnerabilidade. Os autores afirmam que a pobreza pode afetar homens e mulheres, mas as meninas da África, comparadas aos meninos, são sujeitas à discriminação adicional, que aumenta seu grau de vulnerabilidade, definido como diferente acesso aos recursos. Os autores apresentam intervenções políticas e familiares que podem aumentar o CS, definido como recurso que pode compensar a vulnerabilidade.

4.2.3 Oceania

O estudo da área de Psicologia de Jenny Onyx e Paul Bullen (2000), citado 375 vezes, descreve e mensura o CS de cinco comunidades australianas. A análise dos dados relacionados

pelos autores, como indicadores de CS, sugere que, de forma geral, o CS é maior nas áreas rurais do que nas urbanas, particularmente no que diz respeito aos fatores “participação na comunidade local”, “sentimentos de confiança e segurança” e “conexões de bairro”. Por outro lado, as áreas metropolitanas se destacam, por exemplo, no fator “tolerância à diversidade”. Como conclusão, sinaliza-se que comunidades que geram um considerável CS de ligação, limitam este apoio às pessoas internas, e que este CS não está disponível para grupos minoritários dentro da área local ou às pessoas fora da área.

O estudo de Anna Ziersch, Fran Elaine Baum, Colin MacDougall e Christine Putland (2005), da área Economia, Econometria e Finanças, citado 187 vezes, analisa as implicações do CS na saúde dos bairros. Os resultados sugerem que existe relação entre CS e saúde, mas, no entanto, as ligações diretas entre rendimento ou situação econômica e saúde são mais significativas. Nesta direção, os autores alertam para a fragilidade das pesquisas que estudam o CS, sem considerar a política macroeconômica do contexto estudado.

O estudo da área de Ciências sociais, dos autores Ian Falk e Sue Kilpatrick (2000), citado 170 vezes, aborda o potencial de aproveitamento de CS para a mudança social deliberativa benigna. CS é definido como o produto de interações sociais com potencial de contribuir para o bem-estar social, cívico ou econômico de uma comunidade-finalidade-comum, expressão que substitui a noção tradicional de comunidade baseada em localidade.

4.2.4 Continente asiático

Atreyi Kankanhallm, Bernard Tan, e Kwok Kee Wei (2005), a partir de uma investigação empírica citada 1.183 vezes, das áreas Negócios, Gestão e Contabilidade, Ciência da computação, e Ciência da Decisão, propõem um modelo teórico que explica o uso de repositórios eletrônicos de conhecimento por funcionários contribuintes do conhecimento, com base na teoria da troca social e da teoria do CS. O estudo, através da teoria do CS do indivíduo, busca explicar e prever o uso de tecnologias coletivas e especialmente de repositórios eletrônicos, contribuindo para o desenvolvimento teórico na área da Gestão do conhecimento.

Chao-Min Chiu, Meng-Hsiang Hsu e Eric Wang (2006), no estudo das áreas de Negócios, Gestão e Contabilidade, Ciência da computação, e Ciências da decisão, citado 1064 vezes, também tratam do compartilhamento de conhecimento, enfatizando comunidades virtuais a partir da integração da teoria do CS e de teorias cognitivas sociais.

O estudo de Choonwoo Lee, Kyungmoo Lee, Johannes Pennings (2001), da área Negócios, Gestão e Contabilidade, citado 721 vezes, trata do CS corporativo abordando o efeito

benéfico das redes sociais (CS) sobre o desempenho organizacional de novas empresas (*startups* coreanas). O estudo faz um paralelo entre o efeito das capacidades internas da empresa, utilizando a visão baseada em recursos, e o efeito das relações externas apoiado pela teoria do CS, ambos os ‘efeitos’ apresentados como recursos complementares na criação de valor.

4.2.5 América Anglo-saxônica

Nicole Ellison, Charles Steinfield e Cliff Lampe (2007), com o estudo da área Ciência da computação, citado 3.029 vezes, analisam a relação entre o uso do site da rede social Facebook e a formação e manutenção do CS de estudantes universitários, identificando que o uso da rede social é, significativamente, associado com medidas de capital social individual.

O artigo de Paul Adler e Seok-Woo Kwon (2002), da área Negócios, Gestão e Contabilidade, citado 2.984 vezes, apresenta a síntese das pesquisas teóricas sobre CS e oferece um quadro com as cinco perspectivas de abordagem de CS adotadas pelos teóricos organizacionais, uma delas, a abordagem que associa CS com capital intelectual.

O estudo empírico de Molly McLure Wasko e Samer Faraj (2005), das três áreas científicas - Ciência da computação, Ciências sociais, e Negócios, Gestão e Contabilidade, citado 1.887 vezes, também, busca explicar o motivo pelo qual pessoas estranhas compartilham conhecimentos em comunidades eletrônicas de prática.

4.2.6 Continente Europeu

O artigo de Janine Nahapiet e Sumantra Ghoshal (1998), da Área Negócios, Gestão e Contabilidade, é líder no *ranking* geral de citações (5.843 citações). A coautora, de origem sueca e o coautor, indiano, articulam o conceito de CS, com teorias próprias da ciência da administração e, especialmente, com o conceito de capital intelectual, construído destacado no título do artigo. Os autores defendem que as diferenças entre as empresas, incluindo as variações no desempenho, podem representar diferenças na capacidade de criar e explorar CS e, nesta direção, afirmam que empresas detentoras de configurações particulares de CS, tendem a ser mais bem-sucedidas.

O artigo de Carl Folke, Thomas Hahn, Per Olsson e Jon Norberg (2005), citado 1.655 vezes, é o segundo, entre as 18 publicações, identificado como da Área Ciências ambientais. Seguindo a perspectiva de CS adotada por Ostrom (2000), os autores abordam as tentativas fracassadas de administração do ecossistema, em função de serem subestimados, nos projetos,

as dinâmicas sociais, a construção de confiança e as relações de poder. Os autores concluem que os sistemas de governança auto organizados para a gestão de ecossistemas, só emergem e se tornam eficazes em sociedades cívicas com um certo nível de CS.

Per Davidsson e Benson Honig (2003), no estudo da área Negócios, Gestão e Contabilidade, citado 1.249 vezes, abordam CS individual, investigando a influência deste, em conjunto com o capital humano, na decisão dos indivíduos se tornarem empreendedores.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DA REVISÃO SISTEMÁTICA

A análise do gráfico 1 permite considerar que a curva de interesse pelo construto CS não se comportou como modismo. A quantidade de publicações por ano cresceu, sistematicamente, a partir do ano 2000, ano do questionamento de Ostrom (2000), até o ano de 2015. Em 2016, pela primeira vez, a quantidade de pesquisas foi menor do que o ano anterior, não alterando, no entanto, a percepção sobre o uso crescente e pulverizado do construto.

Sobre a participação percentual de cada continente no total de pesquisas (bloco 1 do gráfico 2 e tabela 1), a pesquisa identificou que as publicações da América latina e da África representam as menores participações, enquanto os maiores percentuais são da América anglo-saxônica e Europa. Este achado não permite considerações, já que pesquisas complementares realizadas pelos autores deste estudo, sinalizam que esta configuração se repete, para muitos outros construtos, ocorrendo, apenas, frequentes inversões entre a posição da América Latina e África ou entre América anglo-saxônica e Europa.

A análise do gráfico 02, a partir do segundo bloco, assim como os dados da tabela 1, mostra que a área científica Ciências Sociais, em todos os continentes, é identificada como a área que mais produz conhecimento sobre o construto, coerente com a origem sociológica do termo, como alertado por Portes (1998).

A análise da participação das demais áreas científicas nas pesquisas por continente, permite considerar que em contextos sociais e econômicos mais precários, o conhecimento sobre o construto avançou na direção das necessidades mais primárias do homem, como acesso à saúde ou à água potável. Por esta razão, os maiores percentuais de participações em pesquisas científicas sobre CS, oriundas das áreas científicas Medicina e Ciências ambientais, são de origem Africanas e da América Latina.

Regiões mais desenvolvidas se destacam pelo desenvolvimento de conhecimento sobre o uso do construto CS organizacional. Assim, a área Negócios, Gestão e Contabilidade, após a

área Ciências Sociais, é a segunda em participação nas pesquisas de CS, nos continentes Europeu e na América anglo-saxônica.

A análise do gráfico 2, tabela 01 e a síntese das publicações por continente, confirmam a sinalização de Portes (1998) que atribui a popularidade do uso do construto CS à capacidade da teoria atrair atenção para fenômenos reais e de impacto no contexto.

A síntese do conjunto das 18 publicações oferece um panorama dos problemas econômicos e sociais que se beneficiam, ou são gerados pelo impacto do CS. As abordagens deste conjunto de estudos, selecionados pelo número de citações, vem inspirando e fundamentando parte expressiva das publicações sobre CS em todos os continentes.

Ostrom (2000) sinalizou que o futuro do construto estava associado à necessidade de se observar, não apenas as vantagens, mas também, as desvantagens do CS. A análise e síntese dos artigos identificados para compor a revisão, confirmam adoção parcial desta visão. Nas publicações revisadas, observou-se que as oriundas das áreas Ciência da Computação e Negócios, Gestão e Contabilidade não induzem reflexão sobre o lado negativo do CS.

Nas regiões menos desenvolvidas, como a América latina e África, as publicações mais citadas, tratam do CS perverso que pode, também, ser utilizado como sinônimo de “tráfego de influências”. O quadro 1 cita importantes exemplos de organizações com CS perverso. Já as publicações mais citadas da África, ao associarem a ausência de CS à vulnerabilidade, apresentaram, com uma visão diferente, a perversidade da ausência de capital social e os efeitos desta, na reprodução das desigualdades.

Em ambas situações, são apresentadas ações estratégicas que podem reverter os quadros, com ações que combinam CS e os demais capitais, como sinalizado por Ostrom (2000).

Na Europa e Estados Unidos, o conhecimento do CS avançou na direção que explica a relação do construto com o resultado superior das organizações ou com o compartilhamento de conhecimentos em redes. A criação de valor pelo CS é debatida no contexto de *startups*, da inovação, da influência no empreendedorismo ou, mesmo, no poder de ajudar indivíduos a conquistarem outros capitais, enfatizando, portanto, o lado construtivo do CS.

A Ásia oferece uma visão particular do construto, se destacando pelas pesquisas de CS na área de Ciências da computação, com participação muito superior da observada nos demais continentes (Tabela 1) enquanto a Oceania, continente pequeno e de contexto diferenciado, ofereceu perspectivas refinadas dos benefícios do CS. Pertence à Oceania, a pesquisa sobre CS da área de Psicologia (Onyx & Bullen, 2000), conhecimento que contribui para enriquecer a diversidade de áreas científicas contempladas no conjunto das 18 publicações de CS sintetizadas. Juntas, estas publicações oferecem visão multidisciplinar do construto.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que esta pesquisa produziu conhecimentos que contribuem para responder as questões propostas por Elinor Ostrom no início do século, a respeito do futuro da teoria do Capital social (CS). A pesquisa identificou que a teoria CS não foi esquecida e, ao contrário, o conhecimento e uso, nestes últimos 17 anos, foram disseminados por diversas áreas científicas. Considera-se que os *insights* fornecidos pela teoria de CS se consolidaram como fundamentais, ainda que a denominação CS, nem sempre seja a adotada.

Muitas questões complexas e contemporâneas que envolvem padrões de relações coletivas, são tratadas com o conjunto de princípios oferecidos pela teoria de CS e com a denominação CS, como mostra o conjunto das mais de 18 mil pesquisas identificadas.

Pode-se considerar, no entanto, que além deste conjunto de pesquisas, muitas outras utilizam os fundamentos da teoria, com denominações distintas ou sem denominação específica.

Por exemplo, publicações que abordam a necessidade de Cotas raciais, de gênero sexual ou sócio econômicas, não costumam se referir a estas políticas, como direcionadas para indivíduos ou grupos com baixo CS. No entanto, a leitura do conjunto de publicações sintetizadas nesta pesquisa, permite considerar, por exemplo, que o sistema de cotas em universidades e o sistema de cotas para empregos são, respectivamente, estratégias de acesso ao recurso capital humano e ao recurso capital financeiro, adotadas para assegurar que indivíduos ou grupos que não possuem CS, minimizem a dificuldade de acesso à estes recursos.

Da mesma forma, as publicações sobre o fenômeno “teto de vidro”, metáfora da barreira invisível, mas forte, que dificulta a ascensão de mulheres aos postos mais altos da hierarquia organizacional, tratam das relações de poder relacionadas com gênero, sem menção à denominação CS, mas com lógica similar. Estes estudos relatam que líderes homens, nos processos de nomeação, cooperam entre si, nomeando semelhantes, e, como consequência, muitos dos conselhos administrativos das corporações são conservadores, e, pela ausência de diversidade, encontram mais dificuldade com os processos de inovação. Estas características, nesta pesquisa, foram apresentadas como as desvantagens do capital social denso.

Ainda sobre o futuro do construto, Ostrom destacava a importância da adoção de visão crítica, que enxerga os benefícios do CS e de outras formas de capital, mas que também aborda os lados negativos. Nesta direção e com base no conjunto investigado, considera-se que as pesquisas oriundas das áreas relacionadas com saberes exatos, tendem a não adotar esta visão.

Além da síntese e respostas das questões propostas, esta pesquisa permite duas considerações adicionais: (1) é importante, para o entendimento e uso do CS, a visão

multidisciplinar oferecida pelos teóricos de áreas científicas diferentes; (2) a capacidade do CS perverso destruir capitais, eleva a importância das interferências na direção do desenvolvimento do CS construtivo que cria valor econômico de forma sustentável.

Sobre esta segunda questão, identificam-se, na mídia brasileira, alguns exemplos de uso do CS perverso por grandes empresas que, para obtenção de resultados econômicos extraordinários, adotam ações “irresponsáveis” social ou ambientalmente. CS perverso, neste estudo, foi apresentado como aquele que, enquanto cria valor e constrói o capital econômico da organização detentora do recurso, destrói capital de outros. Estão presentes na mídia brasileira, casos de danos ao capital natural relacionados com crimes ambientais provocados por empresas com relações densas, mas interesses não sustentáveis. Também podem ser encontrados na mídia, casos de danos ao capital econômico coletivo, como as receitas de impostos que são desperdiçadas em construções físicas superfaturadas, executadas por corporações detentoras de relações densas, mas não altruístas. Os exemplos destas corporações brasileiras reforçam a importância, para a sustentabilidade, de ações intencionais que desenvolvem CS construtivo e combata CS perverso.

Como toda revisão bibliográfica, esta pesquisa apresenta limitações. Por exemplo, pode-se questionar a investigação direcionada para base única, o processo que seleciona os artigos para representar os continentes, ou, mesmo, o conjunto de estratégias adotadas para responder as questões propostas por Ostrom (2000). Nesta direção, pesquisas futuras podem ampliar as bases consultadas e utilizar outras estratégias para reduzir estas limitações.

REFERÊNCIAS

- Adler, P. S., & Kwon, S. W. (2002). Social capital: Prospects for a new concept. *Academy of management review*, 27(1), 17-40.
- Amory, A. (2007). Game object model version II: a theoretical framework for educational game development. *Educational Technology Research and Development*, 55(1), 51-77.
- Botelho, L. L. R., Cunha, C. C. D. A., & Macedo, M. (2011). O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade*, 5(11), p. 121-136.
- Bourdieu, P. (2011). The forms of capital. (1986). *Cultural theory: An anthology*, 81-93.
- Castro, A. A. (2006). *Curso de revisão sistemática e meta análise*. São Paulo: LED-DIS/UNIFESP.
- Chiu, C. M., Hsu, M. H., & Wang, E. T. (2006). Understanding knowledge sharing in virtual communities: An integration of social capital and social cognitive theories. *Decision support systems*, 42(3), 1872-1888.
- Davidsson, P., & Honig, B. (2003). The role of social and human capital among nascent entrepreneurs. *Journal of business venturing*, 18(3), 301-331.

- Deressa, T. T., Hassan, R. M., Ringler, C., Alemu, T., & Yesuf, M. (2009). Determinants of farmers' choice of adaptation methods to climate change in the Nile Basin of Ethiopia. *Global environmental change*, 19(2), 248-255..
- Ellison, N. B., Steinfield, C., & Lampe, C. (2007). The benefits of Facebook "friends:" Social capital and college students' use of online social network sites. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 12(4), 1143-1168.
- Falk, I., & Kilpatrick, S. (2000). What is social capital? A study of interaction in a rural community. *Sociologia ruralis*, 40(1), 87-110.
- Folke, C., Hahn, T., Olsson, P., & Norberg, J. (2005). Adaptive governance of social-ecological systems. *Annual Review of Environment and Resources*, 30, 441-473.
- Gilbert, L., & Walker, L. (2002). Treading the path of least resistance: HIV/AIDS and social inequalities—a South African case study. *Social science & medicine*, 54(7), 1093-1110.
- Kankanhalli, A., Tan, B. C., & Wei, K. K. (2005). Contributing knowledge to electronic knowledge repositories: an empirical investigation. *MIS quarterly*, 113-143.
- Lee, C., Lee, K., & Pennings, J. M. (2001). Internal capabilities, external networks, and performance: a study on technology-based ventures. *Strategic management journal*, 22(6-7), 615-640.
- McElroy, M. W. (2002). Social innovation capital. *Journal of Intellectual Capital*, 3(1), 30-39.
- Molinas, J. (1998). The impact of inequality, gender, external assistance and social capital on local-level cooperation. *World development*, 26(3), 413-431.
- Nahapiet, J., & Ghoshal, S. (1998). Social capital, intellectual capital, and the organizational advantage. *Academy of management review*, 23(2), 242-266.
- Onyx, J., & Bullen, P. (2000). Measuring social capital in five communities. *The journal of applied behavioral science*, 36(1), 23-42.
- Ostrom, E. (2000). Social capital: a fad or a fundamental concept. *Social capital: A multifaceted perspective*, 172(173), 195-98.
- Portes, A. (1998). Social capital: Its origins and applications in modern sociology. *Annual review of sociology*, 24(1), 1-24.
- Putnam, R. (1993). Próspera comunidade: capital social e da vida pública. *The American Prospect*, 13, 35-42.
- Rubio, M. (1997). Perverse social capital—some evidence from Colombia. *Journal of economic issues*, 31(3), 805-816.
- Sen, S., & Cowley, J. (2013). The relevance of stakeholder theory and social capital theory in the context of CSR in SMEs: An Australian perspective. *Journal of Business Ethics*, 118(2), 413-427.
- Wasko, M. M., & Faraj, S. (2005). Why should I share? Examining social capital and knowledge contribution in electronic networks of practice. *MIS quarterly*, 35-57.
- Yee J. (2015). Social capital in Korea: Relational capital, trust, and transparency. *International Journal of Japanese Sociology*, 24(1), 30-47.
- Ziersch, A. M., Baum, F. E., MacDougall, C., & Putland, C. (2005). Neighbourhood life and social capital: the implications for health. *Social science & medicine*, 60(1), 71-86.